



ESCREVER, ESPAÇO DE LIBERDADE?

Maria de Lourdes Netto Simões

Quando se fala de um espaço de liberdade na escrita, ocorrem-me vários questionamentos, que creio fazer parte do pensamento de todos estudiosos e/ou leitores. Partirei das seguintes reflexões para tecer breves considerações: Espaço de liberdade para quem? Para o autor? Para o leitor? De quem é esse espaço de liberdade? Que liberdade tem o artista ao inventar a sua obra? Deve submeter-se a regras? Deve ousar? Seguir escolas? Grupos? Que escolas? Quais grupos? Até onde vai sua liberdade? Há limites?

Temos consciência, atualmente, que uma das pretensões mais firmes destes tempos é exatamente a rejeição as quaisquer critérios canônicos de valor. Não existe texto fechado desde de quando o espaço concebido ao leitor dá-lhe a liberdade de re-significação. Não existe última versão autoral se cada versão consiste em um novo momento enunciativo.

Falar sobre espaço de liberdade, exige uma reflexão sobre o que pensam os ficcionistas e os poetas em relação ao ato da escrita ademais de exigir que consideremos, também, a mudança de pensar e fazer poético de tempos em tempos, pois sabemos que essas concepções têm mudado e mudam. Existe uma reflexão sobre a gênese literária e o

teórico Tzvetan Todorov deixa bem claro que cada obra cria o seu próprio gênero, e aliás, um exemplo disso, é o seu livro **O Homem Desenraizado** (1999).

Observando o processo criador de alguns escritores, questiono-me se acreditamos que as vivências do autor são fundamentais para o processo de criação produção-poética? Consideramos que o imaginário é alimentado do vivido e do vivível? Consideramos que as versões de um mesmo texto, em verdade, são processos enunciativos diversos? Neste caso, a última vontade autoral vale tanto quanto a primeira? O que é mesmo matéria ficcional ou poética? O que houve ou poderia ter havido, faz que o imaginário se concretize pela palavra, em literatura? Concordamos com a idéia de que tudo que já foi dito, resta-nos dizer de outra forma?

Partindo dessas reflexões e das anteriores, irei me ater às questões relativas ao autor e às que estão ligadas à comunicabilidade dentro da obra.

Quando do seu doutoramento *honoris causa* na UFRJ, José Saramago dizia da sua idéia entre narrador e autor, negando o primeiro (autor) e afirmando o segundo (narrador). No seu discurso, chega a afirmar que, provavelmente, o leitor não lê o romance, mas o romancista. Retoma a declaração Flaubert quando diz: " Madame de Bovary sou eu" e diz ter Flaubert esquecido de também dizer que ele era o marido e o amante de Emma Bovary; quer com isso afirmar que o autor é os seus personagens. Assim, ele, Saramago é Blimunda e Baltazar em **Memorial do Convento**. Em **O Evangelho Segundo Jesus Cristo** ele diz: " Eu não sou apenas Jesus ou Madalena, sou José, sou Maria, sou também Deus e o Diabo". Ele é todos os personagens ao contrário de muitos autores que afirmam: "eu sou um pouco dos personagens , mas não sou cada personagem".

Em relação aos nossos autores grapiúnas, por exemplo, no discurso da Academia Brasileira de Letras, Adonias Filho declara sua inspiração vinda da terra e das suas memórias. Declara que voltando ao tempo vivido é o menino que em verdade escreve a fábula regional, as vozes, as figuras e o testemunho. Jorge Amado, também, diz que é o menino que viveu nas terras do cacau quem realmente se faz presente no momento em que ele escreve.

Quando Pessoa diz: "O poeta é um fingidor/ finge tão completamente/ que chega a fingir que é dor/ a dor que deveras sente", observamos que não há contradição em relação ao que afirma Saramago do fingimento da verdade e das verdades de fingimentos que se fazem as histórias. Mas Saramago acrescenta que, ao ler um livro, mais do que a história apresentada, o leitor vai em busca das pessoa invisível, mas onipresente, do autor.

Uma segunda questão que gostaria de levantar seria em relação ao livro: quando os escritores escrevem há uma preocupação com o leitor? O que faz o sucesso de um livro? O que determina o interesse de um leitor? Essa preocupação tem a ver com a liberdade autoral?

Primeiramente, essas respostas implicariam também em pensar sobre as expectativas de um leitor? O que é que o leitor espera da literatura, ou seja, espera de um texto ao lê-lo? Ele vai buscar fruição? Vai buscar empatia? Vai buscar o encontro do outro? Por outro lado é necessário que tenhamos claro a que leitor nos referimos, os seus interesses, as suas vivências, a sua época. Nesse momento penso no leitor contemporâneo em nós mesmos, o leitor de hoje. Essa época de velocidade, dos sem-tempo, das apelações visuais, mas também, na época do *stress*, da violência, da busca de cada um ao encontro de si mesmo. Que busca um leitor contemporâneo ao ler um livro e o quê espera, ele, do texto?

Desde décadas passadas, Ítalo Calvino preconizou nas suas propostas os tipos de textos e linguagens que interessariam ao leitor deste milênio: aquelas que tivessem as especificidades da *leveza, rapidez, visibilidade, multiplicidade, exatidão e consistência*; não é necessário que pensemos muito para concordarmos com ele. E o que diz esses textos para quem ler? Como conseguem atrair o leitor?

Quanto a isso, quando da publicação do seu livro **Exortação aos Crocodilos** (1999), o português Lobo Antunes afirmou que o leitor, ao ler, procura o seu espelho, vê-se. Para ele o leitor procura na literatura a sua identificação. Assim, quanto mais próxima da identificação, mas apreciada é a obra para os seus leitores. Se pensarmos que um texto é escrito por um autor que realiza funções intencionadas que provavelmente provocarão alguns procedimentos de compreensão, entenderemos a colocação de Lobo Antunes, de fundo narcisista, sem dúvida.

Outra questão relevante a refletir é: Como ocorre a liberdade autoral na escolha dessa ou daquela frase ou versão? Podemos nós leitores, precisar a intenção autoral? Alguns manuscritos com várias versões demonstram a necessidade que o autor sente da reescrita. Aquela idéia de que cada momento é um momento de enunciação e conseqüentemente o raciocínio de cada versão é um texto novo, é uma idéia pertinente? A poetisa itabunense Valdelice Pinheiro afirmava que havia uma voz interior bem mais forte que qualquer intenção racional e era essa voz que tomava conta dela e propiciava o surgimento da sua poesia. E sobre o nascimento de um poema ela dizia: "Se a carambola tivesse dedos, tocaria Mozart, certamente."

Publicado na *Litterata - Revista do Centro de estudos Portugueses*. Ilhéus: Editus, n. 2, p. 405 -412, 2001.